OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18. n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Estrangeiro (união geral dos correios) .	5$000	2$500	-$-	-$-

7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 190

1 DE ABRIL 1884

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Todos os dias os jornaes de Lisboa veem cheios de reclamações ao senhor commissario geral da policia, pedindo policias para uma rua ou para outra.

Todas essas reclamações são justissimas, mas o que é verdade é que o senhor commissario geral de policia não póde attender a ellas, e por um motivo muito simples, por aquelle motivo que originou o proverbio. «Em casa onde não ha pão, todos ralham e todos teem razão.»

O commissario geral de policia tem muito boa vontade, mas tem poucos policias, e não é simplesmente com boa vontade que se policía uma cidade do tamanho da nossa.

Ha pouco tempo ainda um jornal de Lisboa publicou a estatistica da policia civil de Lisboa, e d'essa estatistica via-se que tirados os guardas de policia para os theatros e para os espectaculos publicos ficava um policia para cada quinze ou vinte ruas.

As reclamações quotidianas e insistentes dos jornaes, provam evidentemente a necessidade urgente de remediar este estado de coisas, de fazer uma reforma geral no corpo de policia, de organisar a sério e em bases largas, um corpo de policia numeroso e bem escolhido que possa fazer todo o serviço da capital, serviço hoje dividido por dois corpos, o de policia civil e o de policia militar, e que apezar d'isso, ou antes por isso mesmo é deficiente e defeituosissimo.

Consta-nos que se pensa em fazer essa reforma instantemente reclamada não só pela imprensa, mas tambem e infelizmente pelas centenares de desordens, de crimes, que se praticam ahi por essa cidade, e que muitas vezes ficam impunes por falta de policia e de vigilancia.

E já que se pensa n'isso lembramos tambem a necessidade essencial de que n'essa nova organisação policial se attenda escrupulosamente á escolha d'aquelles a quem tiver de ser confiada a segurança dos habitantes de Lisboa.

Não basta haver muitos policias, é indispensavel que elles sejam bons, disciplinados, educados para esse serviço, que é muito differente do serviço dos corpos de guarnição, de onde geralmente são tirados.

É preciso que o agente de segurança publica, seja valente, seja honrado, seja perspicaz, seja delicado e seja prudente.

A falta de qualquer d'estes requisitos dá o triste espectaculo da insobordinação dos presos, das violencias contra a auctoridade, do desprezo pela policia, que estamos quotidianamente presenciando nos mais pequenos casos.

É indispensavel que o policia tenha o prestigio e a auctoridade que tem em todos os paizes civilisados. Para isso são necessarias duas coisas, que os tribunaes castiguem severamente todas as desobediencias á auctoridade policial, e ao mesmo tempo que castiguem com egual, com maior severidade mesmo, qualquer exhorbitancia d'essa auctoridade.

Hoje qualquer vadio se póde permittir o prazer de espancar o policia que o quer prender, porque nos tribunaes castigam-lhe esse attentado com a multa de umas duzias de tostões ou com a prisão por umas dezenas de dias.

E não podemos censurar os tribunaes, porque no fim de contas n'essas luctas entre o povo e a policia, o povo muitas vezes não tem razão, e a maior parte d'ellas tambem a policia não a tem.

Urge que na nova organisação policial todas estas responsabilidades se liquidem: que o agente da segurança saiba que quando faltar ao seu dever será punido severamente, e que o povo saiba que quando desacatar a auctoridade policial tem só por isso um crime de castigo rigoroso.

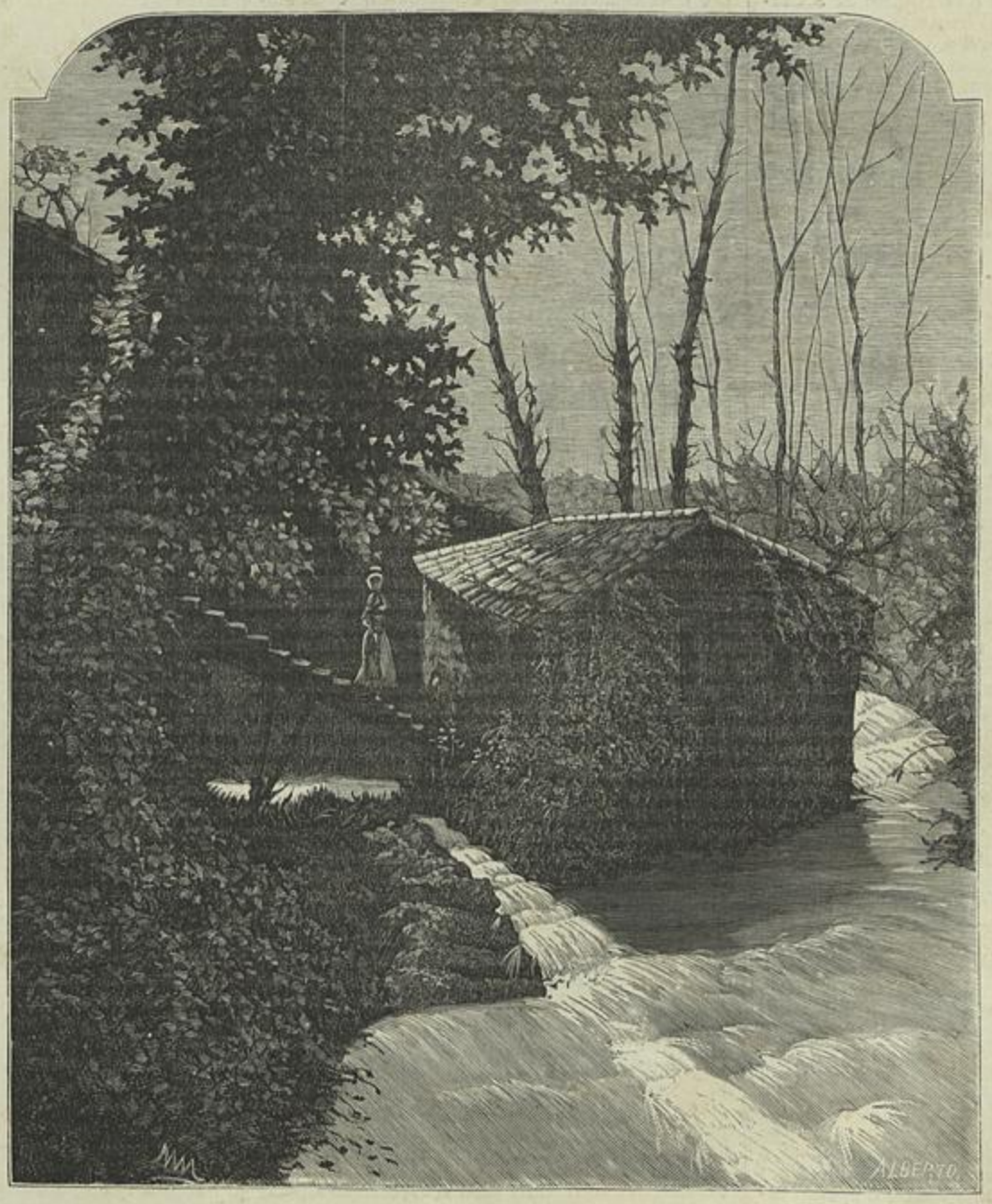
Só assim é que Lisboa poderá ter uma policia respeitada e respeitavel.

E já que falámos em policia, não podemos deixar de fazer um elogio sincero, á boa vontade e á intelligencia com que ella se houve no descobrimento do assassinato de um pobre rapaz de 14 annos, que uma noite, ha um mez se tanto, appareceu degolado na quinta do Metrass no Campo Pequeno.

Ha muito tempo que não apparecia em Lisboa um crime tão mysterioso como este, e tão falto de indicios que podessem conduzir ao descobrimento dos criminosos.

O sr. Moraes Sarmento, o digno commissario geral de polihia, poz-se á frente das pesquisas, e conduziu-as com tão fino tacto, com um faro tão apurado de cmmissario de policia, que os assassinos foram já entregues ao poder judicial, e com provas taes, que a justiça poude, por ellas, pronuncial-os.

Foi uma boa diligencia, digna dos mais ha-



NA VARZEA DE THOMAR (Desenho de M. de Macedo)

beis commissarios de policia, francezes ou inglezes e registamol-o com louvor.

Como previramos no ensaio geral e na nossa ultima chronica, a comedia de Moura Cabral, *Scenas burgueças* teve um bello exito no Theatro do Gymnasio.

E não podia deixar de ser assim, dada a graça que resaltava ás pilhas dos tres actos d'essa comedia, e o desempenho excellente que lhe deram os artistas do Gymnasio, especialmente Valle, Montedonio, Polla, Jesuina, Beatriz, e Lucinda do Carmo.

O publico fez a Moura Cabral a ovação que aqui lhe tinhamos prophetisado, e Valle que n'essa noite fazia o seu beneficio teve uma chuva de applausos, de bravos e de flores.

A' comedia de Moura Cabral seguiu-se a resurreição d'um velho entremez nacional que tinha uma larga tradição de gargalhadas, o *Dr. Sovina*.

Todos nós estavamos fartos de em pequeno ouvir falar no Dr. Sovina, agora ficámos tambem fartos do entremez que resuscitando em scena não resuscitou o cortejo de gargalhadas que lhe fizeram em tempo, uma carreira triumphal.

Não ha nada que envelheça mais depressa que as peças de theatro e muito faz o *Dr. Sovina* em fazer ainda sorrir alguem com os seus *Baubaus* e o seu *Tatebitate*.

O desempenho do velho entremez de Maia foi explendido por parte do actor Valle que realisou um bello typo de Dr. Sovina.

O actor Soccorro, no papel de *Tatebitate*, fez rir a platéa, que não desgostou da *reprise* do *Dr. Sovina*, porque, no fim de contas, se não se divertiu a valer com elle, ficou sempre conhecendo a velha farça, e adquiriu o direito de não estar continuamente em adoração diante do passado, adoração que é pecha de muita gente boa.

No theatro de D. Maria e no theatro de S. Carlos preparam-se novidades importantes.

N'este, o *Rei de Lahore*, a celebre opera de Massenet, tem os seus ultimos ensaios e deve subir brevemente á scena com um grande rigor de *mise-en-scène*, segundo nos dizem.

O sr. Campos Valdez está felizmente justificando as esperanças que n'elle se fundavam.

Deu-nos a *Laureana*, de Augusto Machado, e, apesar do grande successo d'essa opera, dá-nos, sem ser a isso obrigada, a opera de Massenet, com scenario e guarda roupa todo novo. Além d'isso, em terminando a epocha lyrica italiana, o sr. Valdez apresenta no theatro de S. Carlos uma companhia de opera comica franceza.

Que o publico concorra a esses espectaculos e corôe com o *successo* os esforços que emprega o emprezario de S. Carlos para bem o servir.

A peça nova de D. Maria, que deve ter já subido á scena quando esta chronica fôr lida, é o *Cardeal de Richelieu*, do notavel dramaturgo inglez contemporaneo lord Lytton, pae do lord Lytton que foi ha coisa de dez annos embaixador da Inglaterra em Lisboa, cargo que deixou para ir ser vice-rei da India ingleza.

Este drama, que tem grande reputação, foi accommodado á scena portugueza pelo sr. José Antonio de Freitas, o illustre traductor do *Othello*.

O *Cardeal de Richelieu* é posto em scena com todo o rigor e o deslumbramento com que a empreza de D. Maria monta todas as suas peças, e o difficilimo papel de cardeal é desempenhado pelo distincto actor João Rosa, na noite do beneficio do qual deve subir pela primeira vez á scena.

E já que falámos do theatro de D. Maria, daremos mais a noticia de que Fialho d'Almeida está traduzindo o *Luiz XI*, de Casimiro Delavigne, para ser representado por Antonio Pedro, e que na proxima epocha teremos n'esse theatro o *Shylock* e o *Ruy Blas*.

As novidades theatraes são tantas, agora que o inverno acabou e que vamos entrar na estação theatral, que d'antes era a *morte saison* e que actualmente é uma das mais animadas, que esta nossa chronica não pode deixar de ter um certo feitio de chronica theatral.

Estreia-se no dia 1 de abril, no Coliseu dos Recreios, de que é emprezario o sr. Freitas Brito, a companhia das *Folies Bergères*, de Paris, uma companhia em que ha acrobatas, gymnastas, clowns, domadores de feras, etc. Esta companhia dará um curto numero de representações, sendo logo substituida por uma companhia d'opera comica franceza, á qual succederá uma companhia de zarzuela, das melhores de Madrid, que a seu turno cederá o logar a uma *troupe* d'opera burlesca italiana.

Já vêem que o verão annuncia-se com uma grande variedade de espectaculos, e que as pobres victimas a quem não é permittido nos mezes de calor gosar as delicias do campo encontrarão no Coliseu dos Recreios o seu fóra da terra.

E depois de tantas noticias de festa, fechamos a chronica com uma noticia triste.

Morreu n'um quarto do hospital de S. José o sr. Gastão Mesnier, rapaz de grande talento, de variadissimas aptidões, de illustração rarissima, que ha muito era victima d'uma doença de espinha, que o matou aos trinta e dois annos.

Gastão Mesnier era um espirito previlegiado, e a sua morte foi muito sentida por todos que o conheciam e que apreciavam como deviam aquelle notabilissimo talento, que infelizmente não teve tempo de se perpetuar em alguma obra que o revelasse em todo o seu esplendor.

Que durma em paz.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

VARZEA DE THOMAR

A nossa gravura representa a formosa varzea grande de Thomaz, uma vasta planicie onde desemboca a estrada real de Lisboa para aquella cidade. Tem uns dois kilometros de circumferencia, é completamente atapetada de relva no espaço onde não é cultivada, e toda sombreada por frondoso arvoredo.

A varzea de Thomar tem um elegante cruzeiro, de primorosa esculptura; um monolytho com as armas de Portugal, e no seu fastigio uma cruz sobre uma esphera amilar, emblema do rei D. Manuel, o edificador d'este bello monumento.

O rio Nabão passa na orla deslisando as suas aguas tranquillas e serenas.

A cidade de Thomar foi fundada no tempo de D. Affonso Henriques, e é hoje uma cidade notavel pela sua industria fabril. O seu commercio que teve grande desenvolvimento no tempo em que a estrada de Lisboa ao Porto passava por Thomar, soffreu sensivel prejuizo e decahiu muito quando D. Maria I mandou fazer a estrada nova para o Porto, e que em vez de atravessar Thomar foi passar por Leiria.

O rio Nabão corre ao E. da cidade envolvendo-a n'um semi-circulo que lhe dá um aspecto extremamente pittoresco.

Thomar tem duas ruas principaes, uma egreja notavel como especimen de architectura gothica, a egreja de S. João Baptista, a egreja matriz de Santa Maria do Olival, a egreja e hospital da Misericordia, possue minas de varios metaes, magnificas fabricas, uma das quaes ardeu ha pouco tempo, um bello castello que tem 7 seculos d'edade, varios mosteiros, e numerosas vivendas particulares formosissimas, entre ellas a dos srs. marquezes de Thomar.

THOMAZ SALVINI

Entre os poucos actores contemporaneos que conseguem dar vida scenica aos personagens do grande repertorio tragico, tem certamente logar de honra aquelle eximio artista italiano. Tel-o-hia egualmente, se a tragedia contasse ainda hoje tão numerosos cultores, como no tempo de Talma e de Edmundo Kean, pois que difficilmente se ha de encontrar um actor, que, a par de subida e cultivada intelligencia, disponha de tão excellentes dotes physicos para a personificação d'essas creações grandiosas, e possua ao mesmo tempo a força de caracter necessaria para resistir sempre ás solicitações da parte menos illustrada do publico, e conservar-se nos limites austeros da arte.

Thomaz Salvini entrou para o theatro em 1843, quando tinha apenas quatorze annos de idade, impellido por irresistivel vocação, e teve a fortuna de ouvir as lições de Gustavo Modena, que foi tambem mestre de Ernesto Rossi.

Recebera de seu pae, professor de litteratura em Leorne, uma educação aprimorada, de sorte que, ao encetar a carreira theatral, tinha o espirito já bastante desenvolvido.

Em seguida, passou Thomaz Salvini a fazer parte da companhia, que funccionava em Napoles sob a direcção do emprezario Domeniconi, e alli representou durante seis annos, alcançando muitas ovações ao lado da Ristori. Decorrido aquelle periodo, retirou-se de scena por um anno, e consagrou-se a serios estudos de arte dramatica, que lhe prepararam novos e consideraveis triumphos, no desempenho de muitos papeis das peças do repertorio classico.

Desde então a gloria artistica de Salvini foi sempre ascendendo. Não só em Italia, mas em quasi todos os paizes do mundo civilisado, tem o grande actor representado, justificando o renome que destructa desde ha muito. Entre as suas creações mais perfeitas, podemos apontar o *Othello*, em que o actor italiano é verdadeiramente assombroso, *Samsão*, *Saul*, etc.

N'uma das suas digressões, em 1868, veiu a Lisboa, e foi aqui muito apreciado, embora não conseguisse attrahir grande concorrencia a S. Carlos, o que foi resultante de estar adiantada a epocha e de se ter o nosso publico saciado de theatro italiano, com a longa serie de recitas dadas pela companhia de Ernesto Rossi, algum tempo antes.

Ha pouco mais d'um mez alcançou Thomaz Salvini um dos exitos mais felizes da sua longa e gloriosa carreira. Estava em Londres representando em Covent-Garden, e obtivera, no repertorio de Shakspeare, triumphos numerosos e de tanto maior importancia quanto mais selecto era o publico que o applaudia — publico habituado a ver o theatro do seu extraordinario poeta interpretado pelos grandes tragicos inglezes Henry Irving e Barry Sullivan, e pelos americanos Edwin Booth e Mac Culloch. Ainda não tinha, porém, Salvini representado o *Rei Lear*.

Depois da sua chegada á capital de Grã Bretanha, publicou em uma revista mensal um estudo, onde explicava o modo por que comprehendia o personagem principal d'aquella tragedia, e assim justificava antecipadamente o seu desempenho. Estudando Lear em quanto ao physico, insurgia-se o actor italiano contra a opinião dos que julgam o rei senil e fraco; entendia que este, embora idoso, ainda era capaz de certa energia e vitalidade, o que demonstrou com argumentos tirados da tragedia, e comparava-o a um antigo carvalho, despido de folhas pelo vendaval e pela tempestade, mas que ainda tem ramos e tronco vigorosos e inabalaveis. No velho soberano deve ver-se o esphacelamento de uma organisação herculea, que, pela sua resistencia, excita ao mesmo tempo admiração e piedade. Sob o ponto de vista mental, Salvini não encontra em Lear um monomaniaco, cujo espirito se allucinou, em consequencia das ingratidões soffridas: a energica reprehensão do primeiro acto, dirigida pelo rei a Cordelia, parece-lhe resultado de uma ideia exagerada da auctoridade paternal, e o mau tratamento dado a Kent, proprio de um espirito orgulhoso, violento, impetuoso, e que tudo posterga, quando impellido pela colera. Negou tambem o auctor que no seguimento da tragedia, Lear seja imbecil ou possesso, e baseiou este modo de ver, na uniformidade de sentimentos e pensamentos denotada pelas palavras e acções do rei, e bem assim na facilidade com que o espirito d'este serena quando reapparece Cordelia. No estado moral discriminou tres phases: na primeira, é Lear o autocrata real, nobre, augusto, irascivel e violento; na segunda, procede antes como pae do que como rei, e na terceira é principalmente um homem reagindo contra a natureza rebelde. Alguns criticos inglezes, considerando que todos os personagens shakspeareanos, mercê da prodigiosa imaginação do poeta, offerecem diversos aspectos sob que podem olhar-se, e que nas suas palavras, exuberantes de imagens e de idealismo, não raro ha fundamento para variadas interpretações: opinaram que nenhum actor, que represente o espantoso tragico, pode ser adstricto a um certo ponto de vista, e que sómente se lhe deve exigir que o seu trabalho se conserve logico e superior.

Salvini realisou de um modo admiravel a concepção, que fizera do vulto extraordinario de Lear á custa de cinco annos de estudo. Os jornaes de Londres, que lêmos, reconhecem o grande resultado obtido, e dirigem ao artista elogios calorosos, não muito vulgares na imprensa britannica.

Este exito era difficilimo, em consequencia da interpretação discordar completamente da que Irving e outros tragicos inglezes tinham dado, com grande applauso, ao mesmo personagem. Maior portanto se tornou o triumpho.

A empreza do *Occidente* entendeu que não devia deixar passar desapercebido tão importante facto artistico, e commemora-o com a publicação do retrato do eximio actor italiano.

M. A.

A INVASÃO DOS FRANCEZES

A gravura que damos hoje é uma das bellas illustrações que acompanham a notavel e importante *Historia de Portugal* publicada pela acre-

ditada *Empresa Litteraria de Lisboa*, de que é proprietario o sr. João Antonio de Mattos.

Esta *Historia de Portugal*, escripta por um grupo dos nossos melhores escriptores, é uma das obras mais importantes que ultimamente se tem publicado em Portugal, e justifica plenamente o acolhimento lisongeiro que lhe tem feito Portugal e Brazil.

Theatro do Principe Real

(Conclusão)

Além d'estas duas companhias extrangeiras, escripturou Pinto Bastos, que tinha n'este tempo por socio o actor Brandão, a companhia de zarzuela de D. João Molina, em fevereiro de 1875, a do actor Dominici e actriz Barach em março de 1876, depois da segunda série de recitas da Paladini, e finalmente a da celebre Jacintha Pezzana Gualtieri, em setembro de 1877.

Com a companhia portugueza representaram na epocha de 1875 a 1876, e em recitas extraordinarias, alguns dos nossos actores mais notaveis, taes como, Emilia das Neves, João Rosa Senior, Lucinda Simões, Anna Pereira e João Rosa. Pinto de Campos estava escripturado no theatro, áquelle tempo. Na epocha anterior estreiára-se no Principe Real a actriz de opereta, Herminia Adelaide.

No outomno de 1878 tomaram a empresa, o escriptor dramatico Sousa Bastos e o actor portuense Dias, e puzeram em scena com exito, a opereta *Verde Gavo*, ornada de musica de Alves Rente. Thomazia Velloso appareceu n'esta epocha e agradou muito.

Desde o ultimo trimestre de 1879 até agora, tem sido a empresa dos srs. Ruas, filhos do homem que fez construir o theatro.

Para obedecer ás imposições da commissão que passou vistoria ás diversas casas de espectaculo de Lisboa, mandou o proprietario actual do edificio, sr. João Antunes Borges, fazer alli grandes obras de restauração e melhoramento. O *Consultorio de engenheria civil* contractou este trabalho, e realisou-o a primor, graças principalmente aos esforços empregados pelo distincto engenheiro sr. João Candido de Moraes. O theatro depois d'estas obras, que importaram em vinte e cinco contos de réis, aproximadamente, tornou-se o mais bonito de Lisboa. Sem augmentar o tamanho da sala, modificaram-se muito as condições de commodidade para o espectador. A ornamentação nada deixa a desejar. A pintura do tecto foi feita pelo habil decorador sr. José Maria Pereira Junior, e é de gosto novo e magnifico.

O palco ainda não foi reconstruido, mas sel-o-ha no verão proximo, segundo ouvimos, e á moderna. As vistas sóbem para o ordimento, sem terem que dobrar-se. No alto do edificio ha, depois das ultimas obras, um grande salão de pintura Em caso de sinistro, o publico póde evacuar rapidamente a sala.

Ha vinte camarotes em cada andar. Os de primeira ordem importam 3$000 e 2$500 réis; os de segunda ordem 2$500, 2$000 e 1$500 réis, e os de terceira 1$500 e 1$200 réis. As frizas, em numero de oito, custam 3$000 e 2$000 réis. Os *fauteuils* são 159 e vendem-se ao preço de 600 réis cada um. Na parte posterior da platéa ha 130 cadeiras numeradas, cada uma das quaes importa 400 réis. Os logares mais baratos são os da platéa geral, situada debaixo dos camarotes de primeira ordem, do fundo. Custam a 300 e 200 réis, e são em numero de 140.

O theatro rendia antigamente 278$000 réis, quando vendidos todos os logares não captivos. Para as representações de companhia extrangeira eram levantados os preços, e a receita total ascendia a 450$000 réis. Depois das ultimas obras, o rendimento ficou sendo de 300$000 réis.

A inauguração da presente epocha fez-se a 15 de dezembro de 1883, com a representação do drama em 5 actos de Paulo Giacometti, *Filha e mãe*, traduzido pelo signatario d'este artigo, e da comedia de Labiche *Cabellos de minha mulher*, traduzida por Gervasio Lobato. No primeiro, entraram Emilia Adelaide e Pinto de Campos

O theatro do Principe Real, tal como está agora, possue todas as condições necessarias para se tornar querido do publico: o ponto está em que uma direcção intelligente escolha convenientemente o repertorio e escripture artistas capazes de bem o desempenharem.

Maximiliano d'Azevedo.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL EM LISBOA

(Continuado do n.º 179)

LVIII

Aqui está a cruz grande da Sé de Coimbra. É de prata dourada; as hastes terminam em fórma de flor de lyz. Os ornatos são de estylo gothico. Nas extremidades das hastes da cruz, entre a figura de Christo e as flores de lys ha quatro esmaltes engastados, representando os quatro evangelistas. De um lado, sob um baldaquim, está a imagem de Christo, e do outro a Virgem com o menino ao collo, tambem sob um baldaquim. É da mesma época das antecedentes.

Outra que pertence hoje á *Academia das Bellas Artes* (entre parenthesis, esta commetteu uma falta grave, não declarando a proveniencia dos objectos que expôz), tem muita relação com as outras que descrevemos antes da antecedente. Tambem é de prata dourada, de estylo gothico, os braços terminam em flôr de lys, e serve-lhe de base um corpo architectonico de tres andares. É da mesma época e tem de altura 0,96.

Composta de crystal e prata dourada é a cruz da Misericordia de Setubal (n.º 71 a). As peças de crystal são ligadas todas por fitas articuladas. No reverso em baixo relevo o *Agnus Dei*, e no anverso a imagem de Christo.

Outra tambem de crystal é a n.º 89 pertencente á Igreja de Santo André de Mafra. É de crystal e prata dourada. No anverso uma moldura com um crucifixo, e no reverso em outra moldura similhante, a imagm da Senhora á roda da qual, e em caracteres gothicos, se lê *Ave maria gratia plena domi*... Na peanha vêem-se as armas das santas e outros emblemas em seis esmaltes circulares.

LXXIX (1)

Descendo a escada do palacio da exposição entremos em uma das salas, que se acham aos lados d'ella, e que tem por designativa a lettra P.

Deitemos rapidamente os olhos para alguns moveis do ultimo seculo, em geral, que ainda assim tem formas mais ou menos elegantes, e mais ou menos historiadas. Nem menos de cinco ou seis candieiros se nos apresentam, dos quaes são mais notaveis o n.º 4, que pertence a Augusto Filippe Simões, e o n.º 5 que pertence á Academia das Bellas Artes de Lisboa. O primeiro tem nas estampas, que acompanham o catalogo o n.º 99, e o segundo ficará fazendo parte do Museu da Academia, onde poderá ser visto.

O n.º 1 mostra-nos o modelo em madeira, de um edificio que foi projectado para o Erario regio, e que devia ser levantado no sitio da antiga Patriarchal Queimada, hoje praça do Principe Real, cujos alicerces se chegaram a fundar, e que toda a gente de Lisboa que tem, de trinta ou vinte e cinco annos para cima, deve ter conhecido como uma vasta ruina e coito de garotos.

Outro modelo (n.º 19) da famosa capella de S. João Baptista, construida na Egreja de S. Roque. Este modelo enviado de Roma para D. João V poder antegostar a magnificencia da sua obra é de madeira, e n'elle estão representadas a côres, as diversas pedras e materiaes de que se compõe a capella. Este modelo é grande, pois tem 1m,9 de alto.

Os n.os 16 e 17 são dois medalhões de cobre dourado, que pertenceram ao extincto convento da Madre de Deus de Lisboa, e que representam em meio corpo o Senhor da Canna Verde, e a Senhora.

Uma grande estante de coiro é o n.º 20. É de carvalho, toda ornada de obra de talha. No alto é coroada por uma esphera armilar de latão, encimada por uma cruz da Santissima Trindade, tambem de latão.

Do n.º 22 faziam parte oito cadeiras de braços no estylo de Luiz XV, cujos assentos e costas são estofados e cobertos com tapeçarias de Gobelins.

Nas das costas representam-se com o brilhante colorido d'esta preciosa manufactura, grinaldas de flores e figuras allusivas ás quatro estações, nos assentos, varios assumptos das fabulas de Lafontaine. Pertenceram á mitra episcopal de Leiria.

O n.º 29 é uma liteira que pertence á Academia das Bellas Artes.

O n.º 24 é uma estatua de faiança de 1m,74 de altura. Representa S. Leonardo, sustentando nas mãos um livro azul com folhas douradas; sendo as suas roupagens brancas. Esta estatua pertence á Egreja de Santa Maria de Belem.

Se fosse preciso um documento da selvageria com que os frades, as freiras, em geral, e os mestres de obra sobre tudo tratam as obras de arte e de archeologia, tinhamol-o no n.º 25, baixo relevo romano, de marmore branco, que se achava partido em tres pedaços e mettido cada um em sua parede do claustro do antigo convento de Chelas, d'onde mão intelligente os recolheu.

LXXX

A estes felizmente não succedeu outro tanto. São seis baixos relevos, e com quanto não sejam obra romana tem um merecimento archeologico incontestavel.

A que casa religiosa pertenceram? debalde fizemos perguntas a esse respeito, ninguem nos soube responder. Segundo nos consta pertencem á sr.ª D. Maria da Conceição da Serra e Silva, residente em Alter do Chão, a quem seu pae ou outro parente os deixou.

O assumpto que tratam os seis quadros em baixo relevo é visivel; é a historia de Jesus ou melhor da Virgem desde a Annunciação até á fugida para o Egypto.

No primeiro vê-se á direita uma cadeira, em frente d'ella uma estante, sobre esta acha-se um livro, no qual parece a virgem Maria devia estar a ler, quando foi visitada pelo Anjo. Este ajoelhado do outro lado, sustenta nas mãos uma fita desenrolada em que se lê a sabida saudação *Ave Maria Gratia plena*, cuja ultima palavra se não vê. Em frente da estante está um vaso d'onde sahem tres hastes floridas. A senhora está ajoelhada entre a cadeira e a estante em posição humilde e de grande modestia. No alto libra-se a pomba symbolo do Espirito Santo, e em baixo o seguinte lemma: *Fit Deus homo ut homo fiat Deus.*

O 2.º representa a visitação que a Senhora fez a Santa Isabel, mãe de S. João Baptista. Do lado direito é a casa de Santa Isabel; duas mulheres, da companhia d'esta estão de pé e meias fóra da porta; mais adeante a Santa quasi de joelhos recebe nos seus braços a Virgem, que menos inclinada, tambem a abraça; ao fundo levantam-se duas arvores, e atraz da Senhora e como que acompanhando-a, parecem sahir d'entre o arvoredo tres mulheres. A legenda inferior diz: *Gaudet utraque quia latet uterque.*

O terceiro e quarto comprehendem a adoração dos reis e dos pastores. A primeira tem bastantes figuras. A esquerda uma cabana pelo lado da qual se enxergam as cabeças de um boi e de um jumento comendo; na parte mais proeminente junto á cabana a Senhora sentada apresenta o menino de pé no regaço a um dos reis que tem deposto a corôa a seus pés e o adora de mãos postas. A porta da cabana S. José abordoado a um grosso cajado tem já na mão a urna que aquelle rei acaba de offerecer. Seguem-se os outros reis, um de frente, outro de perfil caminhando na direcção do menino, e ambos ainda de corôa na cabeça e sustentando na mão direita sendas urnas; atraz um grupo de quatro cavallos, dos quaes os primeiros dois são montados por dois serventes, e dos outros dois apenas apparecem as cabeças e parte anterior dos corpos. No alto sobre a cabeça a estrella, guia dos reis; em baixo diz a legenda: *Adhuc nocte nunc diem stella nunciat.*

Na outra vê-se a cabana e por uns vãos divisam-se as cabeças dos dois aminaes. S. José ajoelhado e com a cabeça apoiada nas mãos pousadas sobre os joelhos parece dormir, em quanto a Senhora de joelhos a meio do quadro está de mãos postas inclinada perante o menino deitado sobre o chão envolvido em pannos que dois anjos ajoelhados parecem segurar. Atraz dos anjos dois pastores de mãos cruzadas sobre o peito e ajoelhando-se adoram o recem-nascido. Diz a legenda: *Invideant paleis gemæ præsepibus aulæ.*

(Continúa) *R.*

(1) Por exigencias da composição artistica, se faz esta interrupção agora, que será resalvada proximamente.

Exposição retrospectiva de Arte Ornamental portugueza e hespanhola — Sala P, baixos relevos

CAMINHO DE FERRO DO DOURO

(Continuado do n.º 189)

A villa da Regoa divide-se em duas povoações: a Regoa, propriamente dita, que fica na margem do rio e o Pezo, que se acha situado em uma imminencia.

Querem alguns escriptores que a povoação começasse primitivamente n'este ultimo ponto, dando-se-lhe até uma antiguidade que remonta á dominação romana, mas o mais positivo é que a sua prosperidade e desenvolvimento data da construção alli, em 1770, dos vastos armazens da companhia Geral de Agricultura e Commercio dos vinhos do Alto Douro, instituida em 1757, pelo grande ministro marquez de Pombal.

Tornando-se pois a Regoa, desde então, o centro principal do commercio dos vinhos do Douro, foram augmentando as edificações e o movimento de modo a tornar-se a villa uma das mais importantes do paiz.

Em 1820, o valor dos vinhos alli vendidos ascendia já a cerca de 3:200 contos de réis.

Havia na Regoa um antiquissimo templo da invocação de S. Faustino, que servia de matriz mas destruido em 1734 por uma cheia, construiu-se mais tarde n'esse lugar a actual capella de Nossa Senhora do Cruzeiro.

A matriz foi edificada depois tambem no Pezo, onde existe, em 1750; o templo é vasto e na capella mór ha um retabulo representando a *Ceia*, pintado por Pedro Alexandrino.

A Regoa, além de alguns predios de boa apparencia, tem um bom edificio municipal, moderno e um aprazivel passeio pelos caes, construido a expensas da companhia dos vinhos, cujos vastos armazens ficam proximos.

O Douro é franqueado, não longe da estação do caminho de ferro, por uma grande ponte metallica de 318 metros de extensão e formada por seis tramos, o maior dos quaes tem 78 metros. A sobrestructura de ferro assenta em pilares e encontros de cantaria, e é de arco e corda do systema Schwedler.

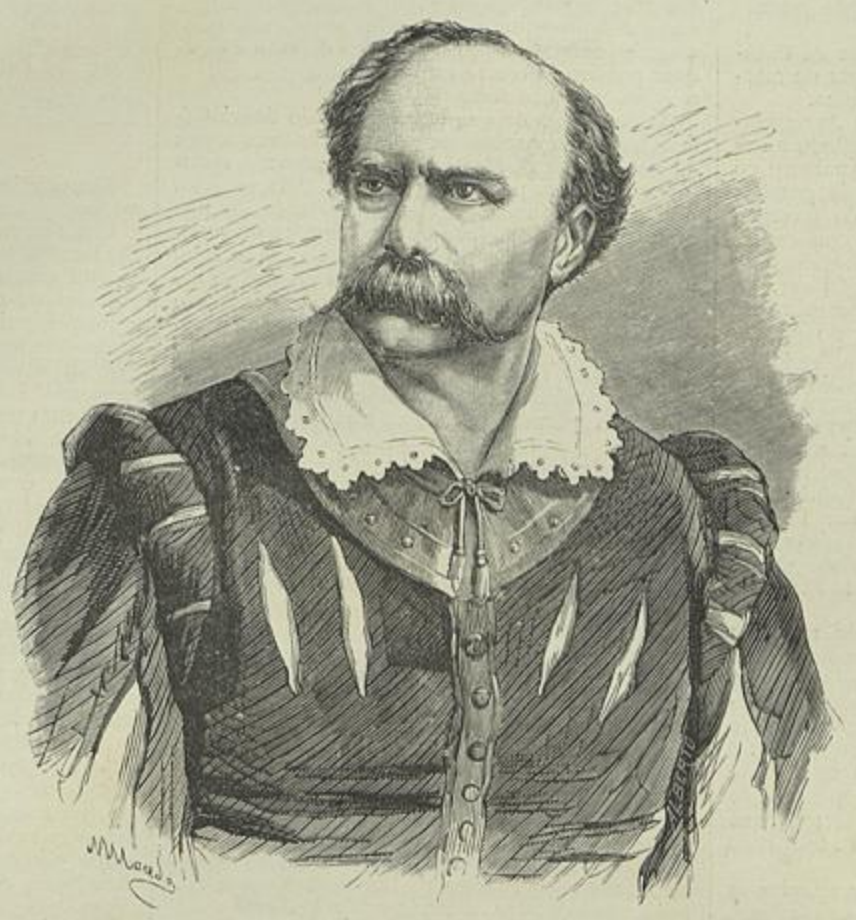
Esta ponte, que põe em communicação as duas margens, dá tambem passagem ás estradas que seguem por Lamego, Castro Daire e S. Pedro do Sul até Vizeu; e pela Pesqueira e Villa Nova de Fozcôa até á Barca d'Alva, pela margem esquerda do Douro.

Da Regoa, segue pelo Pezo uma outra estrada que se dirige a Chaves, por Villa Real, e na qual ficam situados, adiante d'esta ultima povoação, os estabelecimento das aguas das Pedras salgadas e de Vidago.

Até Villa Real tentou-se em tempo, fazer a tracção por meio de um caminho de ferro de systema americano, porém as rampas successivas e muito ingremes d'essa estrada, tornaram inuteis os exforços que para isso empregou uma companhia, que teve de dissolver-se com prejuizo total para os seus accionistas. N'esse caminho chegaram inclusivamente a ensaiar-se machinas a vapor, mas sem resultado.

Desde que o phylloxera começou a devastar os vinhedos d'esta importante zona, a villa da Regoa tem decrescido muitissimo no seu movimento commercial, reflectindo-se n'ella a miseria que lavra em muitas povoações do paiz vinhateiro.

O aspecto d'aquelles alcantis outr'ora exuberantes de seiva e de fertilidade, é hoje desolador e assim, não ha ninguem que ao atravessar essa região não sinta a alma confranger-se á vista de largos tractos de terreno, nus de vegetação, ou com os restos resequidos das cepas anniquiladas pelo terrivel flagello.



THOMAZ SALVINI

Não nos detenhamos, porém, na contemplação dolorosa d'esse quadro tristissimo e prosigamos na nossa jornada.

Passada a estação da Regoa, encontra-se o viaducto metallico do Corgo. Tem 156 metros de comprimento e a altura maxima de 25. É formado por tres tramos um dos quaes mede 50 metros e dois de 40, sendo assente em pilares de pedra; um dos pilares tem ensecadeiras. As alvenarias que se empregaram foram na quantidade de 4:700 metros, dos quaes 1:500 em fundações, que teem a profundidade de 8 metros e 3:200 em elevação. A structura metallica foi fornecida pela casa Cail & C.ª, e toda a obra importou em réis 69:424$501.

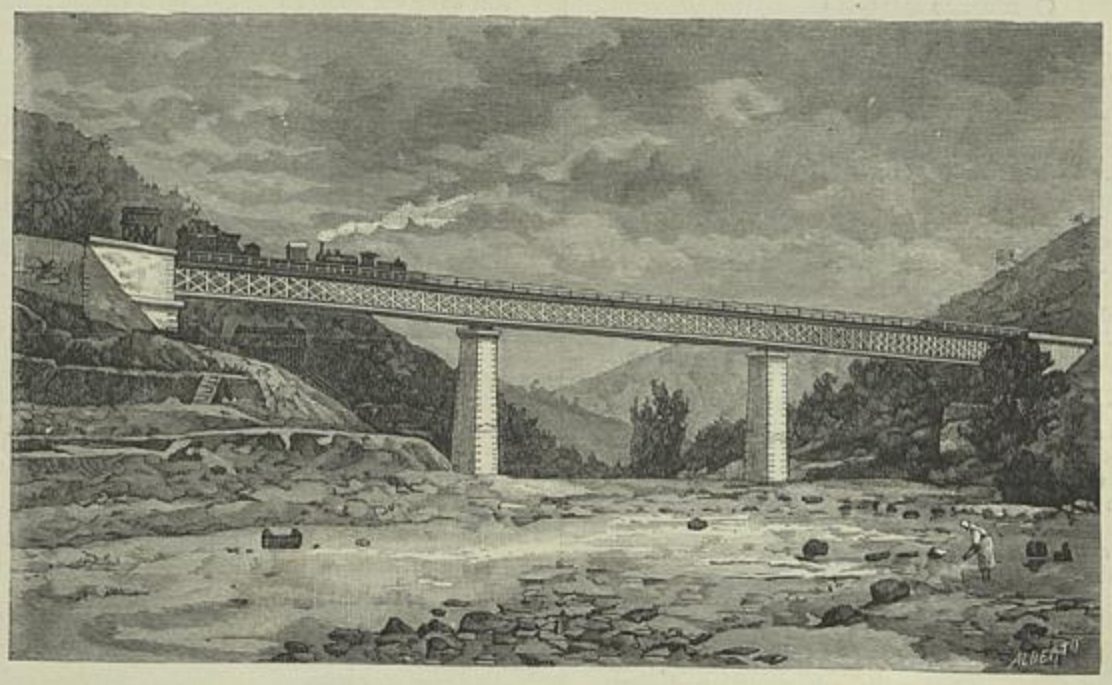
Segue-se depois o apeadeiro de Bagauste e em seguida apparece a sombria penedia conhecida pelo passo da Pedra Caldeira.

Essa immensa rocha é perfurada por meio de um tunnel de 176 metros de extensão, e revestido na de 136 metros. O seu custo foi de 29:015$192.

Adiante acha-se o pontão de pedra de Zambulhal, de 32,m10 de comprimento e formado por um só arco de 3 metros de abertura. A sua altura maxima é de 15m,6, tendo-se gasto na sua construcção 460 metros de alvenaria em fundações, que teem 2 metros de profundidade e 2:809m,054 em elevação, o que prefaz um total de 3:269m,054. O seu custo foi de 15:806$681.

Atravessado o pontão chega-se em breve á estação de Covellinhas, de 3.ª classe, situada á direita junto á povoação do mesmo titulo, destacando-se na outra margem assente em um outeiro e rodeada de olivaes a de Folgosa.

(Continúa) *Mamuel M. Rodrigues.*



CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES — VIADUCTO DO CORGO, NO CAMINHO DE FERRO DO DOURO

FILINTO ELYSIO E A INQUISIÇÃO

I

No meiado de 1778 não afrouxára ainda a reacção contra a politica do marquez de Pombal, cujos poderes haviam terminado no começo do anno anterior, com a morte de el-rei D. José, succedida a 23 de fevereiro de 1777.

Sebastião de Carvalho esgotava no desterro o calix das supremas amarguras. Não bastavam os insultos torpissimos, com que diariamente o asseteavam, inimigos, indifferentes e muitos até que elle beneficiára com mão prodiga: estava-lhe tambem reservada a angustia de ver aluir-se e desmoronar-se, a sua grande obra da nossa regeneração, ás mãos dos pygmeus, que, incapazes de avalial-a, proseguiam na devastação implacavel, para saciar vinganças longamente esperadas ou satisfazer a desenfreada cubiça.

Á sombra da piedade, ou, para melhor dizer, do fanatismo de D. Maria I e dos aulicos seus inspiradores, ia sendo o clero, a pouco e pouco, reintegrado em muitos de seus antigos privilegios.

As victimas immoladas pelo marquez de Pombal, cingiam-se com a seductora aureola do martyrio, e impunham-se á sympathia publica.

O bispo de Coimbra, D. Miguel da Annunciação, que durante nove annos tinha expiado a sua apologia do *sigellismo*, n'um ascoroso carcere do forte das Mayas, voltára, no meio de grandes pompas, á sua diocese, recebendo do governo louvores plenos, a despeito da severa condemnação por elle infligida ao anterior soberano, que lhe perdoára, aliaz, dois dias antes de falecer.

A companhia de Jesus, tão inexoravelmente perseguida e sacrificada pelos odios do grande ministro, começava a desfructar vislumbres de favor: agora, vendo restituidos á liberdade os seus padres que ainda subsistiam nas masmorras, ao cabo de dezoito annos de encarceramento; logo, pela concessão de pensões, feita aos membros d'aquella religião assistentes em Portugal. S. Ignacio de Loyola, S. Francisco Xavier e todos os jesuitas canonisados pela Egreja, e que Pombal mandára expungir do hagiologio portuguez, voltavam a ser reverenciados n'este reino, por influencia dos sentimentos piedosos de D. Maria I e de D. Pedro III, seu tio e marido.

O proprio tribunal do Santo Officio, reduzido durante o precedente reinado a simples dependencia do poder regio, manejada a bel prazer do omnipotente ministro, que nomeou inquisidor geral seu irmão Paulo de Carvalho, e mais tarde o cardeal da Cunha, a esse tempo creatura sua: a propria Inquisição recuperava agora uma parte da perdida força, e afagava talvez a esperança de ver derogado em breve o regimento de 1774, que lhe arrebatára quasi toda a sua antiga e tremenda importancia.

Durante o predominio do Marquez, apagára-se a grande impressão imposta a todos os espiritos, pelo terror das denuncias ao Santo Officio. A discussão de assumptos religiosos, tão arriscada e perigosa tempos atraz, para os argumentadores partidarios do livre exame, fazia-se quasi desafogadamente desde que Sebastião de Carvalho governava. O dogma indiscutivel, sacrosanto, para o ministro, era principalmente o do direito delegado por Deus no monarcha. Todos os mais lhe pareciam de apreço consideravelmente inferior.

Mudava tudo, porém, com o reviramento que a morte de D. José I originára na politica portugueza.

Iam expiar-se finalmente as heresias proferidas no decorrer do largo periodo de tolerancia religiosa, que acabava de findar.

Espiritos timoratos, assoberbados com o temor de que voltassem os passados procedimentos e rigores inquisitoriaes, interrogavam afflictos as suas reminiscencias, e ao minimo escrupulo, corriam pressurosamente para as salas de audiencia das tres inquisições do reino a accusarem, umas vezes a si proprios, quasi sempre a quantos houvessem proferido, na presença dos delatores, qualquer palavra offensiva ou irreverente para com a religião catholica romana.

As denuncias de que os ministros do Santo Officio tomaram conhecimento nos primeiros annos do governo de D. Maria I, são em numero incalculavel. Vimos, por exemplo, uma delação feita por Antonio Nunes da Costa, estudante do terceiro anno da faculdade de medicina da universidade de Coimbra, em 3 de julho de 1778, na qual são taxados de blasphemos muitos antigos collegas do denunciante. Alguns d'estes tinham concluido formatura havia já muito tempo, e estavam vivendo tranquillamente nas terras da sua naturalidade. De lá os foi arrancar, sem duvida, o Santo Officio, castigando-lhes com demorada prisão as phrases proferidas e já esquecidas talvez.

Em 1 de julho do mesmo anno, dava entrada nos carceres da inquisição de Coimbra o notavel geometra e apreciado poeta José Anastacio da Cunha, lente da Universidade; por haver incorrido no crime de heresia, dez annos antes, quando era tenente da companhia de bombeiros do regimento de artilheria de Porto, aquartellado em Valença. Passados tres mezes foi-lhe publicada, n'um auto de fé, a sentença, que o condemnava a tres annos de reclusão na casa da Congregação do Oratorio das Necessidades, seguidos de quatro annos de desterro para Evora, sendo-lhe além d'isso prohibido o regressar a Coimbra ou a Valença.

Nos carceres da mesma inquisição, estavam tambem presos a este tempo, alguns antigos camaradas, de regimento, de José Anastacio, havendo entre elles varios officiaes extrangeiros, que se achavam ao serviço de Portugal. As suas culpas eram identicas: *heresia e libertinagem*.

Em Lisboa tambem choviam as denuncias no palacio dos Estaos.

No dia primeiro de junho apresentava-se ao arcebispo de Lacedemonia, inquisidor, o presbytero Manoel de Leiva, que, pelos modos, vinha com a alma corroída de escrupulos. Falou por muito tempo, jurou aos Santos Evangelhos e, no fim de contas, pouco mais fez do que repetir uma denuncia, que no dia 22 do mez anterior enviára ao Santo Officio, por intermedio do notario inquisitorial Florencio da Costa Pereira.

Denunciava o escrupuloso presbytero graves culpas, entendia elle, commettidas por outro sacerdote, o padre Francisco Manoel do Nascimento, mais geralmente conhecido pelo cognome poetico de Filinto Elysio, que lhe deu a Marqueza de Alorna.

Antes de relatarmos quaes foram as consequencias da denuncia, vamos fazer uma breve narração dos successos da vida do eminente poeta, baseando-nos sómente nos documentos que fazem parte do processo (1) movido pela Inquisição a Francisco Manoel do Nascimento.

Não tem isto mais pretenção do que divulgar factos que julgamos, em parte, ainda desconhecidos.

II

Manuel Simões tinha casado na terra, em Ilhavo, com a sua patricia Maria Manoel.

Um dia, vendo que a carreira maritima pouco lhe rendia, teve uma inspiração. Não hade ser os poetas unicamente que as tenham.

Lembrou-se de vir para Lisboa, e logo realisou a tenção, em companhia da mulher.

Ao que parece foi boa lembrança, porque tempos depois, corriam prosperamente os negocios do casal. Elle tinha já a sua fragata e ella vendia pelas ruas peixe e outras *coisas comestiveis*.

Cerca de 1830 tinham os dois estabelecido os seus penates n'uma casa da antiga rua da Ferraria, que o marquez de Pombal, completando a obra do terremoto, fez desapparecer da area comprehendida pela freguezia de S. João de Lisboa.

Se em vez de ficticia fosse real a existencia dos deuses familiares, muito se deveriam elles escandalisar com a presença de uma terceira pessoa, que se achegava ao lar domestico do fragateiro. A' falta porém d'aquellas divindades, appareciam os visinhos, murmurando continuamente das intimas relações dos conjuges com o intruso, e deduzindo do facto algumas consequencias, que não eram positivamente o attestado da fidelidade conjugal de Maria.

O inimigo da moralidade, *l'autre* como diria Jorge Sand era n'este caso um simples mestre das fragatas reaes de nome João Manoel, o qual mais tarde veiu a ser guindado a patrão mór da Ribeira das Naus, com augmento consideravel nos seus froes.

Foi n'aquella casa da rua da Ferraria, em 21 de dezembro de 1734, que a peixeira Maria Manoel deu ao mundo Francisco Mar o l do Nascimento.

Procurada em 1778, na parochia de S. Julião, a certidão de baptismo de Filinto, não foi encontrado o livro onde ella devia estar, e que segundo parece ardera por occasião do terremoto de 1755.

Achou-se comtudo na camara patriarchal uma copia do mesmo documento, appensa á habilitação do genero, do padre Francisco Manoel, no qual se lê ter sido este baptisado em casa, visto achar-se em perigo de vida.

Logo depois do grande cataclismo do dia primeiro de novembro de 1655 passou a familia de

(1) O processo original existe na Torre do Tombo, entre os papeis da Inquisições de Lisboa.

O PAPÁ GILBERTO

I

O marido

Haveria homens felizes no mundo, mas nenhum mais feliz do que elle.

Gilberto Anastacio Mourão não fôra dos bem nascidos em razão de não ter vindo ao mundo em dourados berços, mas fôra dos bem fadados.

Apenas ao entrar na vida, soffreu umas pequenas contrariedades que já iam longe e nem d'ellas valia a penna fazer questão, as quaes contrariedades foram um simples parenthesis no brilhante periodo da sua aurea e propicia existencia.

De resto tudo para elle tinham sido rosas, de sorte que Gilberto apezar da madureza dos annos, porque não era na verdade nenhuma creança, apparentava uma frescura de primavera que refrigerava a alma á gente. Fazia gosto vel-o.

Era além d'isso risonho, agradavel, e de apparencia bondosa, cheia de uma grande bonhomia pacata e burgueza.

Era dos sujeitos de quem se diz: «aquillo é pão pão, queijo queijo.»

De bens de fortuna, gosava-se da boa fama d'elles.

Tinha-se sabido arranjar, havia aproveitado muito bem o seu tempo...

E que tempo aquelle?!...

Foi alli pela Maria da Fonte.

A miseria era grande, e os Gilbertos de então, que eram muitos, que eram immensos, ainda a fizeram maior.

Deus lhe perdoe.

Mas Gilberto não era mau.

Tratava de si, cuidava de fazer o seu farnel, aproveitava a occasião que outros de certo não deixariam perder.

Ora isto não é defeito.

Se dissermos, porém, que não era esse interesse pessoal e commodista, o movel a que obedecia, se affirmarmos que elle não tratava precisamente de si mas sim exclusiva e unicamente da familia, acharemos que Gilberto possuia uma virtude, perante a qual todos os seus defeitos desappareciam.

Elle tinha a consciencia d'isso a absolvel-o.

A sua physionomia aberta, cheia de luz, era a expressão d'essa consciencia, e d'essa felicidade.

Além da familia nenhuma outra coisa o preoccupava.

A sua vida methodica, passada com o relogio á vista, resumia-se ao levantar ás oito horas, barbear-se, almoçar ás nove, entrar na repartição ás dez, e recolher a casa ás tres da tarde.

Ahi dava um beijo na esposa, fazia muitas festas aos filhos, umas creanças de cabellos castanhos, porque n'aquelle tempo ainda não era moda dizerem-se de cabellos louros, depois jantava, e depois de jantar ia dar á bomba para o quintal.

A noite dormia.

Em certos mezes do anno, Gilberto era obrigado a alterar os seus habitos.

Por exemplo, em setembro.

Logo ás seis horas estava o carrão á porta, para conduzir a familia para o banho.

Elle acompanhava-a, mas ás nove em ponto estava á mesa do almoço, e ás dez na repartição, e muitas vezes cinco minutos mais cedo!

Mais: pela Semana Santa.

A familia jantava ás duas horas, para ir visitar as egrejas.

Gilberto acompanhava-a sem mostras de grande devoção e com ares de livre pensador que acatava todavia as crenças de cada um, sem querer entrometter-se em negocios da consciencia alheia.

Pelo Natal, tinha a Missa do gallo, um passatempo que o distrahia.

Atrevia-se n'essas occasiões a ter pilherias quando o padre trazia o Menino a beijar, e ao recolher para casa, carregava elle proprio com o filho mais novo ao collo e adormecia-o pelo caminho trauteando-lhe a Gaivota.

N'estas duas festevidades, a casa de Gilberto era um vasto armazem de comestiveis.

Aquella porta não se cansavam de bater os creados com os presentes.

Chegava a ponto de a mandar encostar no descanso da tranqueta, e ir para a janella prevenir os que chegavam.

— Empurre e entre.

E eram os casaes de perús a enfiarem por alli dentro.

E eram as canastras de prezuntos.

As mantas de toucinho.

As peças de carne.

Os legumes.

As fructas.

Manoel Simões, bem como o intruso, para uma barraca sita na Cotovia, na rua do Valle, freguezia das Mercês, e d'alli se mudaram para as casas que na Ribeira das Naus eram dadas aos patrões móres, quando João Manoel foi promovido a este cargo.

Viveram os quatro juntos, muitos annos.

Apezar do patrão mór tratar a Maria por irmã, ninguem acreditava na pureza das relações dos dois, e era voz publica que Francisco nascera do adulterio.

(Continua) *Maximiliano d'Azevedo.*

O CENTENARIO

DA

INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 1[illegible]2)

Perguntada se sabia ou tinha noticia de que o padre Bartholomeu Lourenço, chamado o *Voador*, entreviesse tambem de alguma sorte para se fazer este negocio das pazes, etc.? respondeu que nunca pessoa alguma lhe falára em tal padre, nem ella o tinha ouvido nomear mais do que então, excepto em alguma occasião em que ouviu falar no *Voador*, mas sem saber quem era.

Parece-nos que este interrogatorio e o pedido da freira D. Paula, que atraz referimos, nos levanta uma ponta do véo, que encobre o mysterio da ultima resolução do padre Bartholomeu Lourenço.

Segundo o nosso entender os factos deviam passar-se da seguinte maneira:

Bartholomeu Lourenço, seguindo os exemplos da côrte e de muitos homens, mais ou menos eminentes, e segundo os usos do tempo, entretinha relações amorosas no convento de Sant'Anna com D. Paula, e era a elle que esta se referia, quando pedia a D. Antonia lhe arranjasse meio de *poder estar, quando quizesse, com certo religioso, sem que fossem vistos.*

Como o padre tinha fama de nigromante, ou de possuir engenho superior, é natural que as duas irmãs, que tanto se interessavam em querer renovar a harmonia e concordia entre a amante do rei e a amante do infante e suas duas irmãs de Odivellas, falassem n'isso alguma vez a Bartholomeu Lourenço, que, apesar de saber muito bem que não havia poderes sobrenaturaes que influissem em taes assumptos, as não desenganaria de todo, não só porque não tiraria resultado algum de querer dispersuadir de tal crendice, quem tanto do intimo acreditava em feitiços e bruxarias, mas tambem porque com isso poderia perder a affeição e relações da religiosa que lhe aprasia cultivar. Succedeu porem n'este meio tempo descobrirem-se os passos e tentativas de D. Antonia e suas cumplices. O juiz Jeronymo de Cetem, chegando a Lisboa a 23 de setembro, dirigiu-se a casa de D. Thereza Maria de Mello, de quem soube que effectivamente a sua amiga D. Antonia se havia dirigido de novo a Alcacer do Sal, afim de continuar nas suas diligencias. Em consequencia d'esta resposta, que lhe confirmava a communicação do meirinho, foi participar o facto a qualquer auctoridade da côrte, por ventura ao desembargador João Marques Bacalhau. Como o assumpto era de certa gravidade, aparente, e importava factos de que competia ao Santo Officio conhecer, deu-se logo conhecimento de tudo ao inquisidor geral, que reunindo o conselho geral, tomou logo as providencias convenientes e urgentes, e naturalmente se deram instrucções verbaes, ou por escripto de que não ficou registo, mas que se adivinham, pela referencia que a ellas se faz, no officio dirigido ao doutor Bacalhau em 27 de setembro, já citado.

Essas instrucções foram naturalmente, ordem áquelle desembargador para ir a Alcacer do Sal, preceder D. Antonia e as mais pessoas que com ella se achavam ou tratavam; enviar alguns religiosos aos conventos de Sant'Anna e Odivellas, a inquirir as irmãs de D. Marianna e as mais freiras que podessem dar esclarecimentos sobre o assumpto.

O primeiro sabemos já que cumpriu a sua missão com tal energia e presteza, que em 26 participava ao Santo Officio ter presas D. Antonia Maria da Fonseca, sua enteada D. Eufrazia Maria de Sande, e seu compadre Damião Alvares, que a haviam acompanhado, D. Thereza Maria de Mello, Catharina Salema, e sua filha Brites Maria, e bem assim a mulher das Moutas, Isabel da Natividade, respondendo-se-lhe a 27, que fosse mandando as referidas pessoas para a Custodia, do Santo Officio como já se disse, menos o compadre de D. Antonia, Damião Alvares, ao qual se devia ordenar, não sahisse d'esta cidade, sem ordem do tribunal, *devendo guardar inviolavel segredo ácerca do que com elle se passou e das mais pessoas que acompanhou, sob pena de ser gravemente castigado.*

Das outras diligencias não se tem encontrado vestigio, mas devem ter sido feitas, e d'ahi resultou de certo o conhecimento de que Bartholomeu Lourenço entretinha as sobreditas relações com D. Paula, e a noticia do que esta lhe houvesse pedido com referencia ás desintelligencias entre a amante do rei e a do infante. Sem esta supposição não se podem explicar as perguntas feitas a D. Antonia, relativas ao padre Bartholomeu Lourenço, o *Voador*, visto não haver nos diversos processos coisa alguma que a elle se possa referir.

É na noite de 26 de setembro que Bartholomeu Lourenço desapparece de Lisboa, segundo dizem os seus biographos, e foge em direcção a Hespanha, acompanhado por seu irmão mais moço Frei João Alvares de Santa Maria, frade carmelita; porque? se em todos estes processos que compulsámos, apenas achamos aquellas perguntas que a elle se referiam directamente, e o pedido de uma freira que suppomos tambem alludir a elle?

Só se póde explicar o receio de Bartholomeu Lourenço e a sua fuga, pelas diligencias que suppomos se deviam ter feito no convento de Sant'Anna, e das quaes seria avisado pelos poderosos amigos que tinha em todas as altas classes da côrte, ou mesmo pelas religiosas com quem tinha relações.

Lamentando porém que um facto tão insignificante, viesse determinar o fim de uma existencia, que havia chegado ao periodo de seu maior desenvolvimento e que promettia sazonar em fructos de gloria e utilidade para a sua patria, não podemos deixar de dizer que de tudo o que se contém nos processos referidos não havia elemento algum, para poder intentar processo, quanto mais para ordenar a prisão de Bartholomeu Lourenço. Que esta se não havia ordenado vê-se da carta ou officio de 27 de setembro de 1724, dirigido pelo conselho geral do Santo Officio ao desembargador Bacalhau, em que se lhe agradece *o cuidado, exacção e acerto com que executou a diligencia que lhe foi encarregada*, d'onde se vê que mais nenhuma coisa lhe havia sido ordenada. Tambem não existe em nenhum caderno do promotor, do referido tempo, nem em nenhum outro registro peça alguma official que se refira a Bartholomeu Lourenço, nem processo começado; nada, emfim, que nos mostre que a Inquisição tratava de prender o padre; é pois quasi certo que a sua fuga foi determinada pelas diligencias que se deviam, extra-judicialmente ter feito no convento de Sant'Anna, e do resultado das quaes Bartholomeu Lourenço se arreceou, julgando eminente uma condemnação do Santo Officio e o desagrado ou desfavor d'el-rei.

O exame e estudo dos processos das pessoas que foram presas, habilitam-nos a rectificar muitas inexactidões contidas na carta manuscripta, publicada por Freire de Carvalho, na qual o auctor quem quer que foi, sobre um fundo de verdade architectou uma serie de fabulas, como o banquete em casa do juiz de Aldeia Gallega, e a parceria do padre Bartholomeu Lourenço com as mulheres que procuravam os feitiços, as quaes nem eram cinco, nem conheciam o padre, nem este nunca andára em companhia d'ellas.

(Continúa) *Brito Rebello.*

Os vinhos.

As bandejas de doces.

Os córtes de vestidos.

E até os mólhos de cebollas!!!

Só faltava que lhe mandassem tambem as chinellas da noite e o barrete de dormir.

N'essas occasiões, Gilberto em trajes caseiros não só trauteava a Gaivota, como tambem o hymno da Carta.

E ia para a sala rever-se nos seus tapetes, nos seus mognos e na senhora D. Maria II, cujo retrato a oleo occupava o logar de honra e tambem lhe havia sido dado de presente.

Tudo isto dava a medida da importancia e valimento de Gilberto.

Era a sua apotheose.

Elle nos bons momentos de sinceridade explicava o caso que não era vulgar, que até nos creados produzia sensação, que trazia a propria esposa desorientada; elle proprio explicava esse phenomeno, dizendo que nada d'aquillo lhe era feito pelos seus bonitos olhos.

Modestia, porque realmente elle não os tinha feios.

Eram de uma viveza natural, negros, de espressão suave que ás vezes se transformava em velhaca, de um alcance malicioso que traduzia escarneo e gaiatice.

Finorio!

As creadas chamavam-lhe senhor quasi com devoção, como se dissessem Senhor dos Passos ou o Senhor Morto, e os collegas honravam-se de serem recebidos no seu quintal, e alguns, não poucos, d'elle o distinguir com a sua confiança... rebatendo-lhe os recibos!

Tal era Gilberto, tal é a sorte.

II

A mulher

Se Gilberto fôra feito para a fama, intitulado o burocrata que Deus haja, e daria um poema, sua esposa fôra feita para o matrimonio e daria um livro: *A mulher que não volta.*

Era de uma boa fé patriarchal, e de uma boa sinceridade antidiluviana.

Nenhuma vaidade, nenhuma malicia, nenhuma prevenção má. Nada d'isso se lhe conhecera nunca.

Fazia a felicidade do marido, fazia a felicidade dos filhos, e nem chegava sequer a fazer zangar as creadas.

A melhor parte do dia levava-o nas suas determinações cazeiras, ou do *ménage* como se diz agora mais á moda. A melhor parte da noite entretinha-a nas suas devoções quotidianas ao Menino Jesus dos Attribulados e a Nossa Senhora das Dôres.

Além das suas roupas brancas, dos seus apontoados, e dos estragos da barrella, não tinha outras preoccupações que a affligissem.

Cá fóra agitavam-se as paixões; havia uma politica por determinar praticamente, uma idéa que procurava affirmar-se, principios que tentavam impôr-se.

Discutia-se na imprensa, conspirava-se nos clubs, tumultuava-se nas praças e ao grito da guerra civil convulcionava-se o paiz inteiro.

Luiz Filippe era apupado em França, Pio IX fugia para Napoles, Costa Cabral sustentava na ponta das baionetas, Rainha e Carta, mas graças á influencia de Gilberto na familia, nenhum d'esses grandes acontecimentos da politica de então, encontrava maior ecco em sua casa, do que a demora da lavadeira ou a perda de algum par de meias do senhor, por ella extraviado ou confundido.

Qualquer d'esses factos da vida intima valiam bem mais do que tudo isso.

Perante elles Pio IX, Luiz Filippe, Costa Cabral eram assumptos secundarios, para as horas vagas, e se acertava alguem de os tratar, de leve que fosse, logo o fastio obrigava a esposa de Gilberto a perguntar ao marido.

— Eu não sei o que esta gente quer.

Ao que elle respondia.

— Olha as minhas camisolas que já vou sentindo frio.

E ella olhava para as camisolas de Gilberto, e engordava a olhos vista, tornando-se rotunda, sadia e forte, creando papeira, fazendo duas barbas, e deitando bigode, uns pellos que o marido lhe arrancava á noite com uma paciencia digna de Job, e uma gravidade propria de mais seria operação.

Não ha exemplo de esposa mais feliz.

Nunca teve uma razão de queixa do marido, nem uma suspeita de infedelidade. Tão pouco houve memoria de que se encontrassem alguma vez em desaccordo, a vontade de um era a do outro, mas a vontade de Gilberto é que era sempre a vontade suprema, sem que para isso carecesse de se impôr.

(Continúa) *Leite Bastos.*

RESENHA NOTICIOSA

Canal da Palestina. Esta obra grandiosa, projectada pelos inglezes, foi approvada pelo sultão, que permittiu que começassem os trabalhos. A commissão ingleza organisada para a levar a effeito já recebeu aviso d'esta resolução. O canal deve seguir pelo val do Jordão.

Innundações. Em Lagouat (Argel) houve uma grande innundação que destruiu duzentas e trinta casas na cidade. O respectivo *maire* fez um apello á caridade publica para minorar os soffrimentos das victimas d'este desastre.

Exposição agricola de Lisboa. Estão em bom andamento os trabalhos preparatorios d'esta exposição que deverá abrir-se no principio de maio proximo. Os delegados que partiram para as provincias da Beira e Douro, acharam boa vontade nos agricultores d'essa região, para concorrerem a este grande certamen da nossa agricultura. Os edificios e suas dependencias para a exposição estão quasi concluidos; o que convem é que o bom tempo que nos começou a sorrir no dia 18 de março findo e que começou a arrepender-se d'isso de 25 para 26, continue na sua expansão amorosa, afim de que aquella exposição, na qual tantas industrias serão representadas, tome todo o desenvolvimento preciso, e possa atrahir as attenções de todos.

Jornalista condemnado. A pesar da republica, os jornalistas em França gozam muito menos liberdade que entre nós. O jornalista Cyvoct, condemnado a degredo, foi transferido ha poucos dias da prisão onde se achava, para Saint Martin de Ré, afim de ser enviado para a Nova Calledonia.

Carreiras de cavallos. Instituiu-se em Roma, sob a presidencia honoraria do rei Humberto e do duque d'Aoste, um novo *Jockey-club*, afim de animar as corridas de cavallos, e com ellas o melhoramento das raças cavallares na Italia.

Selvageria. Noticias de Matamoros dizem que oitocentos indios d'Omislan, Estado d'Oajaca, no Mexico, se amotinaram pelas instigações do coronel Cirilo Sanchez e de Ambrosio Morales, e conduzidos por estes dois chefes atacaram e assassinaram os mais notaveis habitantes da cidade, as auctoridades e os negociantes. Os armazens e as casas de habitação foram saqueadas e muitas incendiadas. O chefe politico de Tehuantepec, á frente de um destacamento de cem homens dirigiu-se contra os revoltosos, mas em um combate que tiveram foi derrotado com morte de alguns homens da sua força. O regimento 22 de infanteria recebeu ordem de se dirigir por mar a Omitlan, e tres mil soldados regulares, marcharam dos Estados de Puebla e Oajaca, afim de atacarem por terra os insurgentes. É natural que a ordem esteja já restabelecida; mas quem poderá remediar os males que occasionou similhante selvageria?

Russia e Inglaterra. Como se sabe estas duas potencias disputam palmo a palmo o predominio na Asia; e por isso apenas as tribus turcomanas do Oxus mostraram quererem submetter-se á Russia, esta immediatamente acceitou a sua submissão. A Inglaterra decidiu tambem logo o emir do Kabul a fortificar Herat e Kandaar, as principaes cidades dos seus estados.

Monumento a Garibaldi. A municipalidade de Milão abriu um concurso nacional, para a erecção de um monumento, n'aquella cidade, ao grande caudilho da liberdade italiana, Garibaldi. O custo d'esta obra deve ser de cerca de vinte e sete contos de réis.

A Suissa e os agitadores. A pequena republica helvetica, mantida por tratados e pelo consenso unanime das potencias, era a guarida geral de grande parte dos emigrados politicos do mundo, que alli encontravam amparo e segurança. Comtudo, segundo parece, serviam-se elles da neutralidade d'esse territorio liberal, para constituirem alli centros revolucionarios, directores de movimentos anarchistas que iam rebentar nos seus diversos paizes. Parece que as grandes potencias depois de terem colhido muitas informações e provas, de que era n'aquelle Estado que se preparavam esses abalos anarchistas, que iam perturbar a tranquillidade interior d'esses paizes, começaram a fazer algumas reclamações, no sentido de evitar que aquella sensata republica servisse de foco a similhantes planos. A Austria foi a primeira que lhe dirigiu a sua nota a tal respeito, tendo o appoio das outras potencias. Em consequencia d'isso o Conselho federal decidiu conceder a extradicção dos anarchistas alli emigrados, se alguma potencia a pedir, ou expulsal-os do territorio da republica, segundo as circumstancias. Por virtude d'esta resolução foram já mandados sahir d'alli os anarchistas allemães e austriacos Kennel, Schulze, Falk e Lissa como suspeitos de crimes de direito commum.

Uma aeronauta portugueza. Parece-nos ser a primeira vez que uma portugueza se eleva ao ar em um balão. E não é lá uma dama cuja robustez, corporatura e força inspirem segurança e confiança, mas uma joven, muito nova, delgada, franzininha, de cabellos louros e côr pallida; a actriz Iva Guerreiro. Em um dos ultimos domingos, no Porto, fez esta graciosa actriz a sua ascenção em companhia do aeronauta Castanet. Ella ia vestida com o traje de barão, com que apparece na opera comica *A filha do tambor-mór*, isto é, bota alta de polimento, calção, collete, casaca bordada, e chapeu baixo de pello de seda á Directorio. O balão subiu mansamente, sendo a intrepida actriz saudada pela multidão, á qual tambem saudava. Dirigiu-se a machina serenamente para leste, mas depois chegando á altitude de mil metros, apanhou uma corrente que a impelliu para o sul. Ás 4 horas e um quarto descia o balão, o *Portuense*, lentamente, até cahir no Campello, da Telheira, logar da Raza de Villa Nova de Gaia. Iva Guerreiro feriu-se levemente n'um joelho. Muita gente que corria, seguindo o andamento do balão, acudiu ao sitio da queda, sendo a intrepida aeronauta alvo da admiração, e dos applausos enthusiastas de todos que a contemplavam. Diz-se que brevemente irá fazer uma ascenção em Coimbra, não sabemos se só, se em companhia de Castanet. Estimaremos que tenha sempre a mesma felicidade.

Sarah Bernhardt. Representando ha dias esta celebre actriz a *Dama das Camelias* no theatro da Porta de Saint Martin, na scena final, ao proferir quasi as ultimas phrases, soltou uma grande golfada de sangue, cahindo logo o panno, acabando o drama com uma consternação geral. Succederá á eminente actriz caso similhante ao de Molière? Fazemos votos porque a scena franceza não perca tão cedo o formoso talento que tanto a abrilhanta.

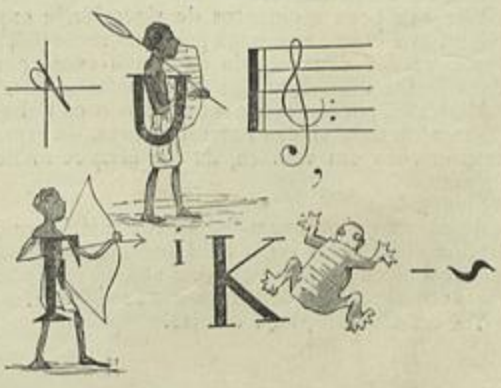
A invasão dos francezes — Gravura extrahida da «Historia de Portugal» edição da Empreza Litteraria de Lisboa

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Os Albergues Nocturnos de Lisboa, *associação fundada por S. M. el-rei o sr D. Luiz I... Relatorio do conselho administrativo (lido em assembléa geral de 27 de janeiro de 1884).* É a conta da gerencia d'esta benemerita associação, creada em Lisboa, ha tempo, para fornecer abrigo á classe pobre, prestando-lhe sustentação conveniente. A leitura do relatorio e o exame dos mappas que o acompanham, mostram a utilidade d'este instituto de caridade, o seu estado de progressiva florescencia, e a importancia dos soccorros prestados.

ENYGMA



Explicação da charada do n.º antecedente: Calvario.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Typographia Elzeviriana — Lisboa